



Casa
Fernando
Pessoa

LUGAR DE LITERATURA

 EGEAC

Lisbon Revisited

17, 18, 19
JUN'21

Dias de Poesia



Outra vez te revejo — Lisboa e Tejo e tudo



Com interpretação em
Língua Gestual Portuguesa

**Os poetas
presentes
leem ao
vivo.
Dos poetas
ausentes,
ouviremos
a voz**

Esta é a terceira edição do *Lisbon Revisited – Dias de Poesia*, programa que junta poetas, portugueses e estrangeiros, e leitores de poesia, experientes ou recém-chegados, para conversar sobre o prazer de ler, ouvir e escrever poesia.

Começámos em 2018, recuperando uma prática que a Casa Fernando Pessoa iniciara em meados dos anos 90. Em 2019 fizemos o programa no Teatro Maria Matos, pois a Casa estava fechada para obras de remodelação. 2020 foi o ano em que tanta coisa ficou suspensa e assim também este programa. Em 2021, fazemos o *Lisbon Revisited – Dias de Poesia* na renovada Casa Fernando Pessoa, com um formato misto – presencial e online.

Poetas portugueses estão presentes, os estrangeiros ausentes. O público assiste às conversas na Casa ou em casa. As leituras são apenas presenciais. Foi um exercício complexo montar o puzzle de diálogos e versos, com estas quatro variáveis: público e poetas, ora presentes ou ora nos ecrãs.

Os encontros entre poetas portugueses e estrangeiros aconteceram na plataforma virtual. Resultaram entrevistas que permitiram que houvesse diálogo multilíngue e além-fronteiras.

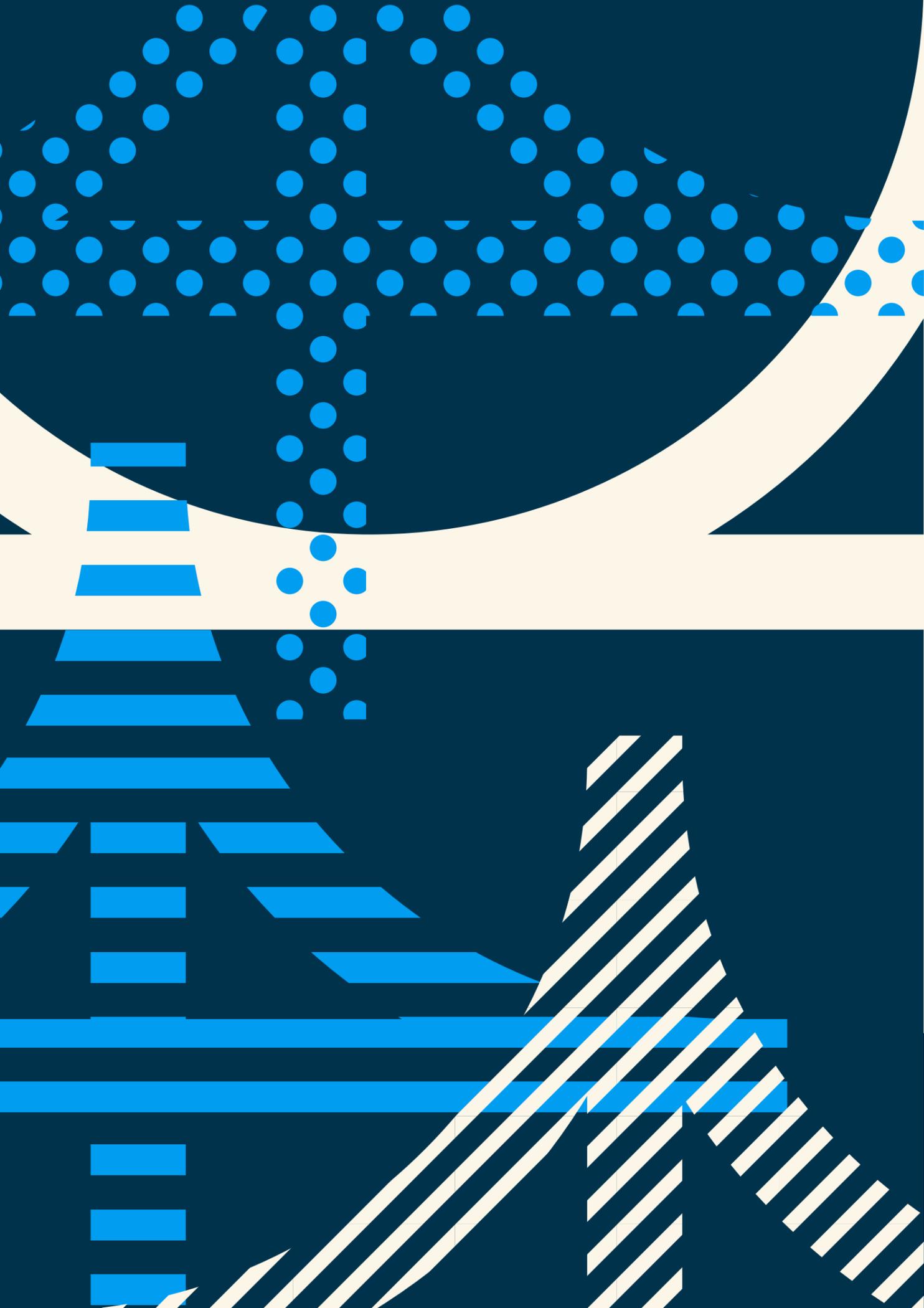
Poderemos conversar sobre o que fica fixado no poema: um detalhe, uma imagem, uma frase que alguém diz? O que podem partilhar com os leitores estes poetas, também eles e elas leitores da poesia de outros autores?

Nas sessões de leituras, poderemos conhecer a música e a cadência desses poemas tal como os seus autores os ouvem dentro da cabeça. Os poetas presentes leem ao vivo. Dos poetas ausentes, ouviremos a voz gravada, seguida da tradução em português lida por atores e interpretada em Língua Gestual Portuguesa. Ondas físicas e acústicas de presença. Assim: quem está, está e quem não está, também está.

Entre os convidados deste ano estão homens e mulheres de diferentes idades e de diferentes lugares e línguas. Estarão presentes Luís Filipe Castro Mendes, Miguel-Manso, Regina Guimarães e Rita Taborda Duarte. Participam em diferido Conceição Lima, poeta e jornalista de São Tomé e Príncipe, publicada em Portugal pela Caminho; Jan Wagner, poeta e tradutor alemão que fez recentemente uma antologia da jovem poesia europeia; Ron Padgett, norte-americano, poeta há 50 anos, traduzido para português há pouco mais de 2 em edição da Assírio & Alvim, já depois de conhecermos poemas seus no filme *Paterson* de Jim Jarmusch; e Samira Negrouche, argelina, que escreve em francês, traduz, e fez em 2010 em Argel um espetáculo de dança em que lia «Tabacaria» de Álvaro de Campos.

Para apresentar e conversar com os poetas, convidámos investigadoras, escritores e tradutores – atentos e habituados leitores de poesia. A partir das suas perguntas e propostas poderemos entrar no imaginário de escrita dos poetas convidados – e juntar as nossas leituras às deles.

Clara Riso, diretora
da Casa Fernando Pessoa



Como se faz este encontro de poesia?

Um encontro de poesia faz-se com pessoas. Poetas que escrevem em diferentes línguas e estão nos seus países. Pessoas que leem poesia, que gostam destes poetas ou que vão descobrir agora os seus poemas e o que têm a dizer sobre eles.

Na **Abertura**, as pessoas que convidámos para apresentarem os poetas dir-nos-ão quem são esses escritores, como são os seus modos de escrita, o que marca os seus imaginários. Falarão dos poetas presentes e dos ausentes – de forma a ficarmos a conhecer todo o painel. Esta sessão terá lugar no Auditório da Casa Fernando Pessoa e será transmitida em direto nas redes digitais.

Para as **Conversas** organizámos entrevistas a pares de poetas e entrevistas individuais. Quando as conversas integram um poeta estrangeiro, a entrevista é gravada antes para projeção em diferido no Auditório da Casa e para transmissão nas redes digitais. Quando se trata de autores portugueses, a conversa acontece presencialmente e também é transmitida online.

Para as **Leituras** mantivemos a ideia de ouvir os poemas nas línguas em que foram escritos. Os poetas portugueses vão lê-los no nosso auditório. Poetas noutros países gravaram o som das suas leituras. As versões em português serão lidas por dois atores e uma atriz. Ao lado, uma intérprete especializada em poesia Surda apresenta a sua versão do poema em Língua Gestual Portuguesa. Temos um piano no auditório: será tocado nestes fins de dias dedicados à escuta.

Intérpretes de Língua Gestual Portuguesa e tradutores para português e para inglês são pessoas fundamentais para este programa. Por vezes trabalham a partir dos bastidores, outras debaixo das mesmas luzes que iluminam poetas que leem: trabalham com palavras e gestos, com a atenção e cuidado que pedem os poemas.



Acredito na força apaziguadora das palavras, na capacidade das palavras para suscitar concórdia e funcionar como um remo. Conheço também o seu poder embriagador e inflamatório.

Conceição Lima em entrevista a Manuel Jorge Marmelo, revista Pública

Com eles [os poemas], a autora parece querer apaziguar-se com a sua memória política, cultural e afetiva. Como se (...) o tempo funcionasse como estímulo de uma série de circunstâncias que os poemas tornam explícitas.

Inocência Mata, revista Veredas

Conceição Lima

***Aqui projectei a minha casa:
alta, perpétua, de pedra e claridade.***

Escreve em português e a sua escrita foi traduzida para outras dez línguas. No *Lisbon Revisited – Dias de Poesia 2021*, acrescenta-se a Língua Gestual Portuguesa na circulação dos seus poemas. O seu livro *O Útero da Casa* foi escolhido pelo Programa Nacional de Bibliotecas Escolares do Brasil e mais de trinta mil cópias espalham agora as palavras de Conceição Lima sobre São Tomé e Príncipe do outro lado do Atlântico.

Conceição Lima nasceu em Santana, na ilha de São Tomé, São Tomé e Príncipe, a 8 de dezembro de 1961. Jornalista, poetisa e cronista, é membro-fundadora da União Nacional dos Escritores e Artistas São-tomenses, UNEAS.

Fez os estudos primários e secundários em São Tomé, onde reside e trabalha como jornalista da TVS, Televisão São-tomense. Foi durante longos anos jornalista e produtora dos Serviços em Língua Portuguesa da BBC, em Londres.

É licenciada em Estudos Africanos, Portugueses e Brasileiros pelo King's College of London e possui o grau de Mestre em Estudos Africanos, com especialização em Governos e Políticas na África subsaariana, pela School of Oriental and African Studies, SOAS, Londres. Pela Editorial Caminho, de Lisboa, publicou *O Útero da Casa* (2004), *A Dolorosa Raiz do Micondó* (1ª edição 2006, 2ª edição 2008) e *O País de Akendenguê* (2011). Em 2015, em edição de autora, publicou *Quando Florirem Salambás no Tecto do Pico*.

A Casa

***Aqui projectei a minha casa:
alta, perpétua, de pedra e claridade.***

***O basalto negro, poroso
viria da Mesquita.***

***Do Riboque o barro vermelho
da cor dos ibiscos
para o telhado.***

***Enorme era a janela e de vidro
que a sala exigia um certo ar de praça.
O quintal era plano, redondo
sem trancas nos caminhos.***

***Sobre os escombros da cidade morta
projectei a minha casa
recortada contra o mar.***

Aqui.

***Sonho ainda o pilar –
uma rectidão de torre, de altar.
Ouço murmúrios de barcos
na varanda azul.***

***E reinvento em cada rosto fio
a fio
as linhas inacabadas do projecto.***



Os seus poemas são a prova artística de uma atenção formal que, com grande habilidade e precisão, explora simultaneamente a riqueza da tradição e o encanto do presente. Wagner disse uma vez que «o progresso é o que cada um faz dele» e testa este mote em todas as formas poéticas históricas.

Michael Braun, [Goethe Institute.de](http://Goethe-Institute.de)

Uma obra que se ocupa com temas e objetos do cotidiano, levando-os ao limite do conhecido e ao limite das formas tradicionais da lírica ocidental.

Douglas Pompeu, no prefácio de *Variações sobre tonéis de chuva*

Jan Wagner

como se todas as letras tivessem de repente se descolado do jornal e pairassem no ar como enxame

Os seus primeiros poemas vertidos para português chegam-nos do Brasil. Diz o seu tradutor que «Não é exagero dizer que Jan Wagner é um mestre da forma». Para Jan Wagner uma das belezas da poesia é que pode mudar a nossa perceção do mundo que nos rodeia e a perceção da linguagem como meio para nos relacionarmos com mundo.

Jan Wagner nasceu em 1971, em Hamburgo. Vive em Berlim desde 1995. Poeta, ensaísta, tradutor (de Charles Simic, James Tate, Simon Armitage, Jo Shapcott, Sujata Bhatt, Matthew Sweeney, Robin Robertson), publicou sete livros de poemas desde 2001.

Die Live Butterfly Show, de 2018, é o mais recente. *Regentonnenvariationen*, o seu sexto livro ganhou o prémio da Feira do Livro de Leipzig em 2015. Em 2016 publicou a antologia *Selected Poems*.

A poesia de Wagner está traduzida em 40 línguas. Coletâneas em inglês (*Self-Portrait With a Swarm of Bees*, traduzida por Iain Galbraith; *The Art of Topiary*, traduzida por David Keplinger) foram publicadas em 2015 e 2017. Em 2019 foi publicado no Brasil *Variações sobre tonéis de chuva*, tradução de Douglas Pompeu, pelas Edições Jabuticaba (São Paulo).

Entre outros prémios, Wagner recebeu o Anna-Seghers-Award (2004), o Friedrich-Hölderlin-Award (2011), o Zhongkun International Poetry Prize (China, 2017), o Georg-Büchner-Prize (2017) e o Prix Max Jacob (França 2020).

É membro da Academia Alemã de Língua e Literatura.

Ensaio sobre Mosquitos

como se todas as letras tivessem de repente se descolado do jornal e pairassem no ar como enxame;

e ao pairar no ar como enxame, de todas as piores notícias nenhuma trazem, musas mesquinhas, pégasos

mirrados, assomam-se apenas no ouvido; compostas do último filamento de fumaça, quando a vela se apaga,

tão leves, que já não se diz: elas são, surgem quase como penumbras, projetadas de um outro mundo

no nosso; dançam, os membros mais finos que traçados a lápis; minúsculos corpos de esfinge;

a pedra de rosetta, sem a pedra.



Luís Filipe Castro Mendes

*Só sei responder à vida com poemas:
e a alternativa é viver a vida
sem dar por ela*

Publica poemas há mais de 40 anos e acredita que «o leitor tem de sentir um movimento análogo ao poeta». Viveu em três continentes. Os seus poemas transportam os lugares reais por onde passou e as leituras de outros poemas que foi fazendo.

Nahe, 2018) e em francês (*Légendes de l'Inde*, 2020). Dando prossecução a um trajeto literário de grande qualidade estética, o livro distinguido concentra os seus motivos temáticos em torno da nossa identidade, confrontada sem complexos históricos com o passado dos Descobrimientos.

Júri do Prémio António Quadros
(atribuído a *Lendas da Índia*, em 2012)

Luís Filipe Castro Mendes é um poeta para quem as questões da poesia e da sua história, encaradas com gravidade ou de maneira lúdica, são o principal motor da sua escrita.

António Guerreiro, *Público*

Castro Mendes move-se no interior dessa inocência poética, que significa afinal um elevado grau de consciência da realidade e um modo de habitar o mundo.

António Guerreiro, *Público*

Poeta e ficcionista português, diplomata de carreira, Luís Filipe Castro Mendes nasceu em 1950. Em 1974, licenciou-se em Direito pela Universidade de Lisboa. Em 1977 iniciou a sua carreira diplomática. Foi cônsul-geral no Rio de Janeiro, embaixador de Portugal em Budapeste, Nova Deli, UNESCO-Paris e finalmente junto do Conselho da Europa em Estrasburgo. Foi Ministro da Cultura entre 2016 e 2018.

Publicou o seu primeiro livro (*Recados*) em 1983, seguindo-se *Areias Escuras* (1984), *Seis Elegias e Outros Poemas* (1985), *A Ilha dos Mortos* (1991), *O Jogo de Fazer Versos* (1994), *Viagem de Inverno* (1993), *Correspondência Secreta* (1995), *Modos de música* (1996) e *Outras Canções* (1998). De 2001 é o livro *Os Dias Inventados* e em 2011 publicou *Lendas da Índia*. Em 2014, *A Misericórdia dos Mercados* e em 2016 *Outro Ulisses regressa a casa*. Em 2018 publicou uma coletânea de *Poemas Reunidos*.

Em 2021 publica um novo livro: *Voltar*.

Tem uma coletânea de poemas publicada no Brasil (*Poemas Reunidos*, 1999) e obras traduzidas em alemão (*Fremde*

Imitado de Alberto Caeiro

*Ontem um homem das cidades
veio explicar-me os valores da vida.
Disse-me que a minha sobrevivência era um privilégio
e o aconchego dos banqueiros uma justiça.
Falou-me de uma nova sociedade,
feita da esperteza e água fresca.
Deixei-o falar.
Ele não sabe que ficou também do lado dos que perdem
e até o descobrir virão mais rosas
e a areia cobrirá todos os jardins.*



Sobre leitores de poesia não preciso de esclarecimento. A propósito de edição, receção, pressupostos, tendências, recensões, assembleias, bandos de bardos, suas simpatias, aversões: bocejo.

Miguel-Manso, revista *Relâmpago*

(...) Esta poesia é também uma auscultação das razões e insânias do mundo. E desse gesto de abertura nasce um movimento em direção à possibilidade de outros mundos.

Hugo Pinto dos Santos, *Público*

Miguel-Manso

*espero há anos outro coração
para dele fazer a única mobília
neste cubículo em madeira anosa murado a papel
a que também chamamos tórax*

Quando se estreou na publicação, quem lia poesia e escrevia sobre ela deu pela sua chegada. Disse a Raquel Marinho (*O Poema Ensina a Cair*) que um poema «é um artilheiro». Escreve-os em verso livre ou em prosa. Compõe o nome com hífen, a segurar o nome próprio ao apelido, como um cinto sobre o kimono que usa na prática do karaté.

Nasceu em Santarém em 1979. É um poeta com treze livros publicados desde 2008.

Faz parte do catálogo de editoras como Relógio D'Água, Tinta-da-china, Douda Correria, Mariposa Azul, entre outras.

Textos seus integram um conjunto significativo de antologias e revistas literárias, portuguesas e estrangeiras. Em cinema escreveu, produziu e realizou, com João Manso, a longa-metragem *Bibliografia* (2013). Colaborou em teatro com a companhia Cão Solteiro e a encenadora Susana Vidal.

Desde 2008 que é convidado a participar como orador em festivais literários, palestras e leituras dentro e fora do país.

Viveu em Almeirim e em Lisboa; mora hoje numa aldeia da Sertã onde dirige, desde 2016, a Casa de Gigante – Associação Cultural Mandriões no Vale Fértil.

Uma potência deve resplandecer

Uma potência deve resplandecer. Como se faz? Pelo brio e pelo deleite. O bom sacerdote tem um corpo fixo e outro fluido radiante: com o primeiro pratica o mundo nas coisas segundas, com o segundo pratica o mundo nas coisas primeiras.

Afazeres para hoje: escavar na rocha uma igreja etíope.



Regina Guimarães

*Existe um pacto do corpo
com o espaço e com o tempo
no primeiro o corpo pára
no segundo julga andar.*

Escreveu mais de 30 livros e diz o editor de uma sua antologia recente que nunca viu as suas mãos paradas, entre a escrita, o desenho, o bordado e outras criações laboriosas. As palavras servem-lhe para poemas, canções, teatro e cinema – para pensar e para fazer.

A poesia é-lhe tão necessária
como o pão e a água.

Rui Manuel Amaral, posfácio
de *Antes de mais e depois de tudo*

No seu caso, a poesia não
é uma escolha, mas um
fenómeno biológico, um
estranho e misterioso
fenómeno biológico. Como
outros doam o corpo à
ciência, Regina Guimarães
entregou o corpo à poesia.

Rui Manuel Amaral, posfácio
de *Antes de mais e depois de tudo*

Esta é uma poesia com muita,
tanta, subtileza, logo seguida
de violência, desfeita pelo
pormenor, numa desordem
uivante, que mete os
fantasmas da lógica nesta
redoma incerta – o poema –,
um campo de tiro e de treino
(...).

Diogo Vaz Pinto, *jornal i*

Underness and Above

Nasceu no Porto, em 1957. A par da sua quotidiana escrita de poemas, tem desenvolvido trabalho nas áreas do Teatro, da Tradução, da Canção, da Dramaturgia, do Desenho, da Educação pela Arte, do Vídeo. Foi docente na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, na Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo e na Escola Superior de Artes e Design.

Foi diretora da revista *A Grande Ilusão*, presidente da Associação Os Filhos de Lumière, programadora do ciclo permanente O Sabor do Cinema no Museu de Serralves. É co-fundadora do Centro Mário Dionísio – Casa da Achada. Com Ana Deus fundou a banda Três Tristes Tigres. Colaborou com outras bandas, nomeadamente os Clã. Realizou inúmeras ações em torno da palavra dita e cantada.

Organiza, de há doze anos a esta parte, a Leitura Furiosa Porto. Tem orientado oficinas de escrita e de iniciação ao cinema. Aspira a estar em todo o lugar onde haja uma luta justa a travar. Vive e trabalha com Saguenail desde 1975.

*A infância que mais faz chorar
é a dos sapatos.
Cambados
eles descrevem
curvas comoventes.
Novos
eles apertam o coração
até ao fundo da garganta.
O primeiro sapato diz
o desejo de viver descalço.*



Os poemas que escreve nascem «das palavras e não da experiência ou do quotidiano».

Raquel Marinho, *Expresso Online* (O Poema Ensina a Cair)

Nessas fontes de escrita encontramos vários autores, entre os quais se destaca Herberto Helder, mas também vozes comuns, quotidianas, misturadas com clássicos da literatura, figuras mitológicas, bíblicas e até um diálogo proveniente de um western de Sergio Leone.

Henrique Manuel Bento Fialho, *Antologia do Esquecimento* (sobre *As Orelhas de Karenin*)

Rita Taborda Duarte

Fazemos batota com as pedras do xadrez: escondemos peões nas mangas largas, uma rainha a mais entre as fraldas da camisa...

Como mais poetas da sua geração, estreou-se a publicar nas páginas do DN Jovem. Estudou agronomia antes de se entregar à literatura, na Faculdade de Letras de Lisboa. Disse um dia que «tudo [em poesia] que vem do século XX nos chega de Pessoa» e que «os filhos de Álvaro de Campos também podem ser enteados de Bernardo Soares». Que dirá neste *Lisbon Revisited – Dias de Poesia*?

O Anjo

Nasceu em Lisboa, em 1973. É poeta, professora do ensino superior, autora de livros para a infância e escreve regularmente sobre poesia e ensaio, nas mais diversas publicações. Em 1998, publicou o seu primeiro livro de poesia (*Poética Breve*, Black Sun Editores), a que se seguiram outros dois: *Na estranha Casa de um Outro* e *Dos Sentidos das Coisas*. Em 2003, venceu o prémio Branquinho da Fonseca Expresso-Gulbenkian, com o livro *A Verdadeira História da Alice*. Desde então, tem escrito com regularidade para crianças e jovens, contando com uma dezena de obras publicadas, muitas delas incluídas no Plano Nacional de Leitura.

Em 2015 publicou o livro de poesia *Roturas e Ligamentos* (Abysmo) em parceria com André da Loba (ilustrações). *As Orelhas de Karenin* (Abysmo, 2019), com desenhos de Pedro Proença é o seu mais recente livro de poesia, finalista do prémio SPA Autores 2020 e finalista do Prémio Literário Casino da Póvoa – Correntes d' Escritas.

Certa vez, num encontro numa biblioteca escolar, um menino chamou-lhe «escritora infantil». Desde esse dia, assumiu o epíteto e diverte-se a brincar, infantilmente, com as palavras.

*Vinha para me buscar mas ainda cá ando:
tive nojo ao anjo*

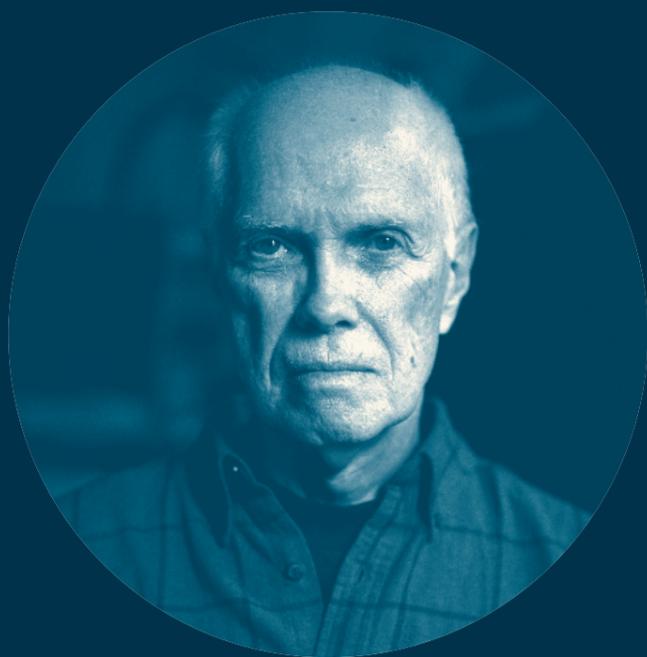
*Chegou-me acenando com as asas encardidas
as penas sebosas de sabugo no cálamo
Nem se assemelhava sequer ao verdadeiro anjo negro
da miserável história desta vida: só genuíno desleixo
a sujidade sob a auréola fosca : cotão e pó em suma
nenhum asseio ao arrotar gorgulhos pelas asas murchas
sobre as costas*

*Tentei-me a acompanhá-lo,
dar-lhe ao menos um banho argênteo em prata de lei
qualquer coisa que na morte me concedesse
algum do brilho desvalido que não houvera em vida*

Mas custa tanto arear um anjo pena a pena

*Chegou-me acenando com as duas asas
--mais mocho até que anjo
Não o segui lá aonde tombasse imundo: Ainda cá ando*

faço horas ao dia neste inferno sólido



Concluí que, ao longo de mais de 50 anos, tenho andado a escrever poemas como uma ou outra personagem

Ron Padgett, *New York Times*

Os poemas que foram criados para o filme não são assim tão diferentes dos já publicados. Padgett já era Paterson. A imaginação de Jarmusch encarregou-se de fazer o resto.

Rui Pedro Tendinha, *Diário de Notícias*

Ron Padgett

Passei toda a vida a pensar que era um rapaz, depois um homem, também uma pessoa e um americano

No liceu fundou uma revista literária com amigos. Convidavam poetas e escritores mais velhos a contribuírem: Allen Ginsberg e Jack Kerouac aceitaram. As primeiras traduções de poemas seus para português a tornarem-se conhecidas estavam nas legendas do filme *Paterson*, de Jim Jarmusch. Depois, a Assírio & Alvim publicou um livro.

Ron Padgett nasceu em Tulsa, Oklahoma, EUA, em 1942; e vive a maior parte do tempo em Nova Iorque, desde 1960. Entre as muitas distinções do seu currículo, contam-se a Guggenheim Fellowship, a Civitella Ranieri Fellowship, o prémio de poesia da American Academy of Arts and Letters e o Poetry Society of America's Frost Award; isto além de bolsas de criação do National Endowment for the Arts. O governo de França fez dele Oficial da Ordre des Arts et des Lettres.

O seu livro *How Long* foi finalista do Pulitzer Prize na categoria de poesia e a sua antologia *Collected Poems* ganhou o LA Times Prize para melhor livro de poesia no ano de 2014. Durante muitos anos, ensinou escrita de poesia a crianças e editou livros sobre a temática. É também tradutor de Guillaume Apollinaire, Pierre Reverdy, Valery Larbaud e Blaise Cendrars.

As obras de Padgett encontram-se traduzidas para 18 línguas. Ele é ainda o autor de livros de memórias de Joe Brainard, Ted Berrigan, e do seu pai. Colaborou com os artistas Jim Dine, George Schneeman, Joe Brainard, Bertrand Dorny e Alex Katz. Sete poemas de Padgett foram usados no filme *Paterson*, de Jim Jarmusch.

Haiku

*Primeiro, acalma-te.
Depois, fica assim
Para o resto da vida.*



Traduzir poesia é um processo muito rico. Traduzir e ser traduzido. Cada língua traz a sua geografia, o que é desafiante, mas abre caminho a novas possibilidades.

Samira Negrouche, arablit.org

Samira Negrouche

Estou bem em crer que o futuro será amargo agora que só com uma foto milimetricamente apropriada em fundo branco-carmesim se pode atravessar o Mediterrâneo e uma bicicleta estática para flexibilizar o calcanhar de Aquiles (...)

Disse numa entrevista que era preciso energia para viver na Argélia há incerteza e expectativas constantes a limitar planos. O que escreveu não estava até agora traduzido em Portugal, mas levou a um espetáculo de dança a «Tabacaria» de Álvaro de Campos lida em versão francesa.

Nascida na Argélia, onde ainda vive, Samira Negrouche é poeta e tradutora, além de médica, tendo privilegiado a sua arte literária sobre a prática da medicina. Participa regularmente em projetos multidisciplinares, tem colaborado frequentemente com artistas visuais, coreógrafos e músicos.

É autora de diversos livros, com textos seus, por vezes sobre outros artistas, maioritariamente publicados na Argélia e em França. A sua poesia está traduzida em várias línguas, incluindo o espanhol, italiano, dinamarquês e búlgaro. E agora o português.

Entre os seus livros, encontramos *À l'ombre de Grenade* (Marty, 2003), *Le Jazz des oliviers* (Le Tell, 2010) *Six arbres de fortune autour de ma baignoire* (Mazette, 2017), *Quai 211 partition à trois axes* (Mazette, 2019) e *Traces* (Fidel Anthelme X, 2021). *The Olive Trees' Jazz and Other Poems*, traduzido por Marilyn Hacker e publicado pela Pleiades Press, em 2020, é a sua primeira antologia completa a ser editada em inglês.

*em Jesus o que eu gosto
é dos seus pés desbotados
e os dos seus companheiros
— treze auréolas —
nos ícones abandonados
do pequeno Monte Athos búlgaro
não falo da figueira
— a figueira que Jesus ilumina —
nem dos rochedos em cascata
— que lembram mais o grande Canyon
do que a Galileia —
os pés finamente desbotados de Jesus
recordam-me as pinturas rupestres
de Tassili
não há pé tão finamente
traçado nas rochas do Hoggar
são silhuetas esguias
suspensas
exactamente como Cristo
suspensas ao mesmo tempo fixas e dinâmicas*

(excerto de *Seis árvores da sorte em volta da minha banheira*)

Outros participantes

Ana Paula Coutinho

É Professora de Literatura Comparada e de Estudos Franceses na Faculdade de Letras do Porto. Investigadora e atual Coordenadora Científica do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, trabalha sobre a literatura contemporânea procurando temas transversais a diferentes autores e discursos. Depois de ter publicado estudos sobre as obras de poetas portugueses e francófonos (António Ramos Rosa, Lorand Gaspar, James Sacré, Édouard Glissant e Vítor Matos e Sá, entre outros), e de ter dedicado atenção às representações da diáspora portuguesa do século XX, tem investigado, nos últimos anos, sobre literatura e outras artes da exilância – (um termo recente, usado para refletir sobre movimentos migratórios e a condição dos exilados); sobre as implicações estéticas e éticas da diversidade na Europa e sobre os desafios do mundo digital para a relação com a literatura.

Isabel Lucas

Tem formação em Comunicação Social pela Universidade Nova de Lisboa. Jornalista e crítica literária, escreve regularmente no jornal *Público* e colabora com várias publicações, sobretudo nas áreas de cultura e viagens. Desde 2011 que tem vivido entre Lisboa e Nova Iorque.

É autora do livro *Conversas com Vicente Jorge Silva* (Temas e Debates, 2013). Em 2017 publicou *Viagem ao sonho americano*, resultado de um périplo pela América, a partir da sua literatura, vertido em reportagens publicadas ao longo de um ano no jornal *Público*. Mantém um podcast sobre leitura, *Grandes Leitores*, e é curadora do Prémio Oceanos, que distingue anualmente literatura em língua portuguesa.

Marta Lança

Nasceu em Lisboa, em 1976. Tem formação em Estudos Portugueses, Literatura Comparada e Edição de Texto e é Doutoranda em Estudos Artísticos, na FCSH-UNL. Criou as publicações *V-ludo*, *Dá Fala* e é editora do site BUALA (desde 2010). Traduziu alguns livros do francês, nomeadamente de Achille Mbembe. Em Luanda lecionou na Universidade Agostinho Neto e colaborou com a I Trienal de Luanda. Em Maputo trabalhou no festival de documentário Dockanema. Entre outros organizou “*Roça Língua, encontro de escritores lusófonos*” (São Tomé e Príncipe, 2011); o ciclo *Paisagens Efémeras*, dedicado a Ruy Duarte de Carvalho (Lisboa, 2015); “*Vozes do Sul*” (Festival Silêncio, 2017); projeto NAU!, do Teatro Experimental do Porto (2018); “Para nós, por nós: produção cultural africana e afrodiaspórica em debate”, com Raquel Lima (2018); “Sou esparsa e a liquidez maciça: gestos de liberdade” (maat, 2020); com Rita Natálio, “*TERRA BATIDA: uma rede de arte e ciência sobre conflitos socioambientais*” (Festival Alcantara, 2020). Atualmente coordena o projeto “ReMapping Memories Lisboa-Hamburgo, Lugares de Memória (Pós) coloniais”, do Goethe-Institut Portugal.

Miguel Cardoso

Vive em Lisboa, onde nasceu (1976), depois de ter passado uns tempos fora. Lê, escreve, ensina e traduz. Entre as suas traduções mais recentes estão três livros de Sean Bonney e *Os Poemas do Hotel Wentley*, de John Wieners. Para além de textos espalhados aqui e ali, publicou sete livros de poesia: *Que se diga que vi como a faca corta* (Mariposa Azual, 2010), *Pleno Emprego* (Douda Correria, 2013), *Os engenhos necessários (&etc, 2014)*, *Fruta Feia* (Douda Correria, 2014), *À barbárie seguem-se os estendais (&etc, 2015)*, *Viveres* (Tinta-da-china, 2016/Macondo, 2019) e *Mais de mil anos* (Douda Correria, 2017).

Rui Manuel Amaral

Nasceu no Porto, em 1973, cidade onde vive e trabalha.

Escreveu os livros *Caravana* (Angelus Novus, 2008), *Doutor Avalanche* (Angelus Novus, 2010), *Polaróide* (Língua Morta, 2015) e *Cadernos de Bernfried Järvi* (Snob, 2019).

Traduziu livros de Oliverio Girondo, Francisco Tario, Virgilio Piñera, Rubén Darío e Roberto Arlt.

Dirigiu a revista *Águas Furtadas*, coordena a Coleção Avesso e é co-editor da FLOP.

Editou Konstantinos Kaváfis, Antonin Artaud, Daniil Kharms, Félix Fénéon, Charles Cros, Alphonse Allais, entre outros.

Em 2020, reuniu poemas de Regina Guimarães na antologia *Antes de mais e depois de tudo*, publicada pela editora Exclamação.

Zia Soares

Nasceu no Bié, Angola, em 1972. Frequentou o curso de Filosofia da FLUL e frequenta o mestrado de Artes Cénicas da FCSH/UNL. No início do seu percurso artístico passou pelo ballet e percussão com a Companhia Nacional de Ballet da Guiné-Bissau, pelas artes circenses com a Amsterdam Balloon Company e pelo teatro com a Companhia de Teatro “Os Sátyros”, de São Paulo, Brasil. É fundadora do Teatro Praga, onde trabalhou como diretora e atriz. É diretora artística e atriz do Teatro GRIOT, tendo participado em peças dirigidas por Rogério de Carvalho, Nuno M Cardoso, Paula Diogo, Bruno Bravo ou pela própria, destacando os espetáculos “LUMINOSO AFOGADO” e “O Riso dos Necrófagos”.

Criou e dirigiu as performances “Gestuário I”, produção INMUNE e “Gestuário II”, coprodução INMUNE/ BoCA - Biennial of Contemporary Arts.

Em cinema colaborou com João Botelho, Pedro Filipe Marques, Uli Decker, Pocas Pascoal, Romano Casselis.

Cassiano Carneiro

Cassiano Carneiro iniciou a sua carreira no Rio de Janeiro, no ano de 1986. Trabalha em teatro, cinema e televisão. Trabalhou com textos como *Os Capitães da Areia*, de Jorge Amado, *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, de Goethe e *O Jovem Mágico*, de Mário Cesariny. Atualmente prepara o espetáculo *Sonho*, texto de Strindberg. Foi distinguido como melhor ator no Festival de Gama, com o Prémio Guarani do Cinema Brasileiro, Prémio Associação Paulista de Críticos de Arte e no Festival de Havana.

Lerá os poemas de Jan Wagner.

Dinarte Branco

Dinarte Branco frequentou a Escola Superior de Teatro e Cinema, estreia-se na Companhia de Teatro de Almada, em 1994, ponto de partida para uma carreira teatral continuada que o leva a algumas das principais companhias (Artistas Unidos, Teatro da Cornucópia, Teatro Meridional) e a múltiplas produções independentes. A partir de 2000 começa a ter atividade regular na televisão e no cinema.

Lerá os poemas de Ron Padgett.

Carla Galvão

Nascida em Lisboa, em 1980. Tem o curso de teatro da Escola Superior de Teatro e Cinema. Começou profissionalmente em 1998. Com numerosos encenadores e diferentes companhias trabalhou textos de autores como Eurípides, William Shakespeare, Clarice Lispector, Bertolt Brecht, Jacques Prévert, Anton Tchekov, Sarah Kane, Enda Walsh, Pepetela, José Luís Peixoto, Athol Fugard, David Harrower. Fez cinema, onde protagonizou os filmes *A Fábrica de Nada* e *O Cordeiro de Deus*, selecionados pelo Festival de Cannes, respetivamente, em 2018 e 2020. Trabalha também em televisão. Frequentemente nomeada para prémios na categoria Melhor Atriz de Teatro ou Cinema, recebeu a Menção especial da crítica 2008, atribuída pela Associação Portuguesa de Críticos de Teatro e o Prémio Bernardo Santareno 2009 para a categoria de Atriz Revelação. Foi distinguida pela Revista *Time Out* como Prémio Corvo de Ouro na Categoria de Melhor Ator do Ano 2012.

Lerá os poemas de Samira Negrouche.

Inês Proença

Inês Proença nasceu em 1999. Teve aulas particulares de piano desde os 5 anos. Ingressou depois no Instituto Gregoriano até ao 5º grau, onde obteve, nos dois anos em que participou, o 1º Prémio do concurso interno de piano. Em 2017 começou a estudar na escola de jazz do Hot Clube de Portugal. Aí, fez parte do combo representante da escola por dois anos, tocando em diversos espaços no país. Paralelamente, participa em vários projetos e fez a música para um espetáculo infantil pela Companhia de Teatro de Almada. Atualmente, estuda piano/jazz na Escola Superior de Música de Lisboa.

Tocará o piano da Casa Fernando Pessoa nos fins de dia de Leituras.

Tradução e interpretação

José Luís Costa

Nasceu em 1978, em Lisboa, onde estudou Línguas e Literaturas Clássicas e Interpretação de Conferências. Viveu em Atenas e Bruxelas antes de regressar a Lisboa, onde hoje reside. As revistas *Telhados de Vidro* e *Cão Celeste* publicaram traduções suas de poetas como Robert Creeley, Jerome Rothenberg ou Cédric Demangeot, e a editora Barco Bêbado publicou o livro *Três cliques à esquerda* da poeta grega Katerina Gógou. Traduziu também prosa de Dino Buzzati e Keith Richards, entre outros. É autor de três livros de poesia — os dois primeiros saíram na &etc e o mais recente, *Canto da Alforreca*, na Douda Correria, em 2016. Prepara atualmente traduções de dois livros de autores gregos: Yannis Ritsos e Dimitris Lyacos. Traduziu poemas de Samira Negrouche para o *Lisbon Revisited - Dias de Poesia 2021*.

Douglas Pompeu

É poeta e tradutor radicado em Berlim. Desde 2016 é editor da revista de tradução alba.lateinamerika lesen. Entre 2018 e 2021 publicou em português brasileiro: *Regentonnenvariationen* (2014) de Jan Wagner, *Wanderungen mit Robert Walser* (1957) de Carl Seelig e uma seleção da poesia de Kurt Schwitters. Atualmente trabalha numa tradução de *Papa Hamlet* de Arno Holz, assim como em duas novas seleções de poesia: de Marcel Beyer e Raphael Urweider.

Rosalina Marshall

É poeta, tradutora, bibliotecária e investigadora no atelier do arquiteto Norman Foster. Nasceu em Lisboa e vive em Londres desde 2003. Estudou Filosofia na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e fez uma pós-graduação em Tradução pelo Chartered Institute of Linguists em Londres. Publicou os livros *Manucure* (Companhia das Ilhas, 2013), *Ginecologia – Considerações em defesa da virgindade de Nossa Senhora* (Não (Edições), 2014), *Clorântida* (Douda Correria, 2015) e *Sebastião* (Mariposa Azul, 2017). Desde 2013 tem vindo a participar em diversas publicações em Portugal e no Brasil. Recentemente traduziu antologia poética de Charles Bukowski *Os Cães Ladram Facas*, publicada pela editora Alfaguara (2018) e selecionou e traduziu a antologia poética de Ron Padgett *Poemas Escolhidos*, publicada pela editora Assírio & Alvim – Grupo Porto Editora (2018).

Patrícia Carmo

É licenciada em Reabilitação e Inserção Social pelo ISPA e em Língua Gestual Portuguesa pela UCP e mestre em Língua Gestual Portuguesa e Educação de Crianças Surdas pela UCP. Foi assistente na Universidade Católica Portuguesa onde fez investigação científica na área da linguística das línguas gestuais. No âmbito do projeto *Sem Barreiras*, em São Tomé e Príncipe, acompanhou o nascimento de uma nova língua gestual e foi a principal autora do dicionário de Língua Gestual de São Tomé e Príncipe.

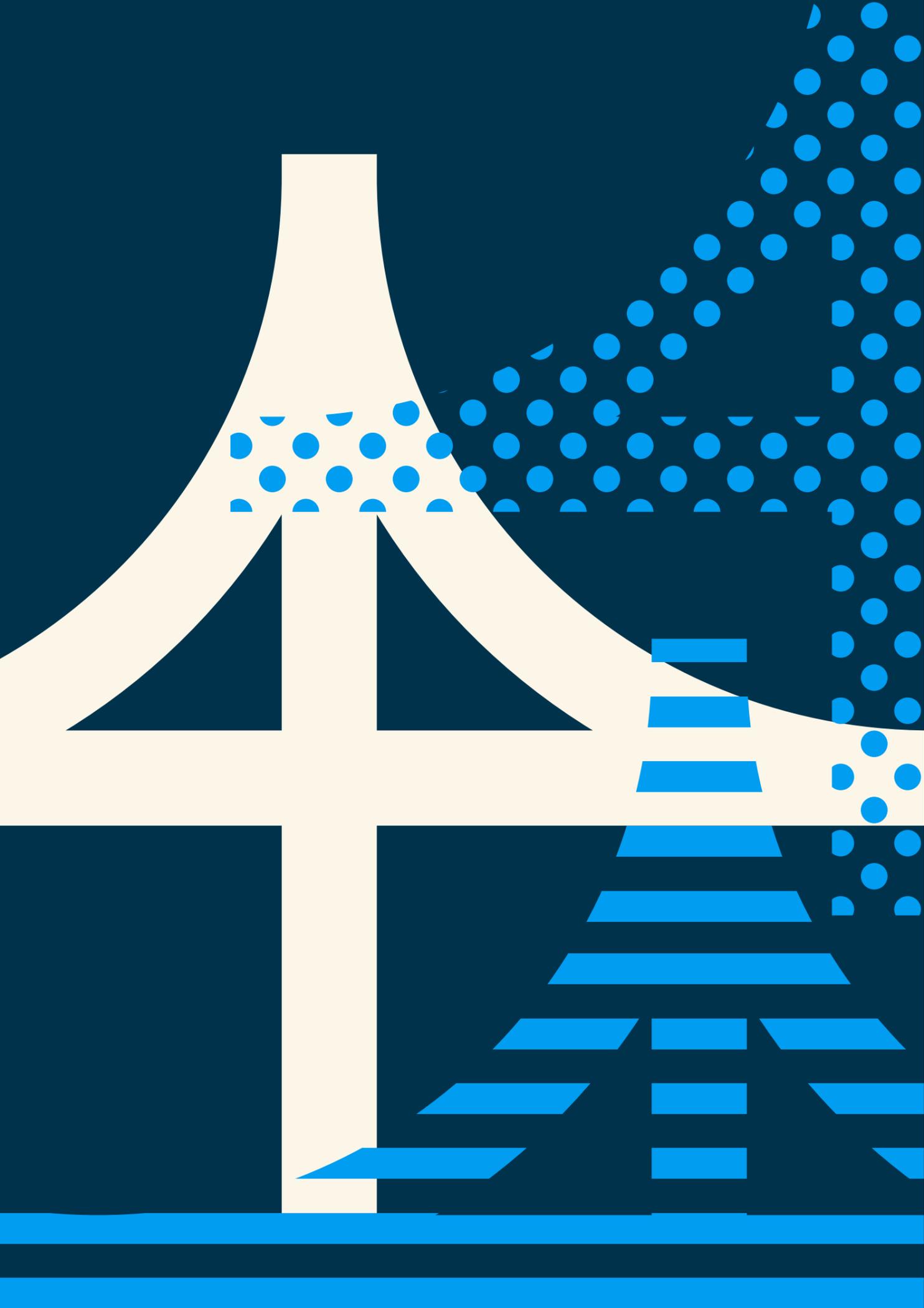
É contadora de histórias e de poemas, tendo participado em vários projetos e eventos de instituições culturais: *Poemas para estes dias* (Lu.CA), *Conta um Conto* (Zig Zag) ou *Acende a Luz para eu te Ouvir* (RTP2). É coralista no Coro Mãos que Cantam. Trabalha com crianças e jovens Surdos e dá formação a ouvintes desde 2004. Colaborou com a Casa Fernando Pessoa na interpretação de poemas LGP de Pessoa e heterónimos que integram a exposição de longa duração.

Sandra Bragança

É formada e licenciada em Tradução e Interpretação de Língua Gestual Portuguesa, desempenhando a profissão de Intérprete de Língua Gestual Portuguesa desde o ano de 2000. Tem frequentado formações, atuando em áreas tais como interpretação/tradução de contos para crianças, peças de teatro para crianças, jovens e adultos, Festival “Passa a Palavra Festa dos Ofícios do Narrar”, Festival da Canção e Festival Eurovisão da Canção, e direção de narradores surdos no programa *Conta um Conto* da RTP. Colabora regularmente com a Casa Fernando Pessoa e Ecotemporâneos – Boca Bienal (comunidade de leitura em espaços verdes). Exerce funções de Intérprete de Língua Gestual Portuguesa em contexto escolar, intervindo junto de crianças e jovens Surdos.

Sofia Figueiredo

É formada e licenciada em Tradução e Interpretação de Língua Gestual Portuguesa. Tem atuado em diversos contextos, entre os quais contos e peças de teatro para crianças, jovens e adultos, Festival da Canção, Festival Eurovisão da Canção, e na direção de narradores surdos no programa *Conta um Conto*.



FICHA TÉCNICA

ORGANIZAÇÃO

Casa Fernando Pessoa/EGEAC

DIREÇÃO

Clara Riso

Fátima Campos (adjunta)

APOIO ADMINISTRATIVO

Carla Antunes

PRODUÇÃO

Inês Cunha

Ana Braga

COMUNICAÇÃO

Margarida Ferra

Ana Braga

DESIGN

atelier-do-ver

SPOT

Tiago Schwäbl (voz e sonoplastia)

Bruno Santos (música original)

VÍDEOS

Within the Groove

VENDA DE LIVROS

Tigre de Papel

APOIO À DIVULGAÇÃO

Antena 2

AGRADECIMENTOS

Atelier-Museu Júlio Pomar

Flagrante DeLitro

Rita Monteiro

Manuel Martins



Casa
Fernando
Pessoa

LUGAR DE LITERATURA

design © atelier-dover

casafernandopessoa.pt



APOIO À DIVULGAÇÃO



VENDA DE LIVROS

